



# Blumenau *em Cadernos*

TOMO IV

— NOVEMBRO

1961

— Nº 11

# Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S. A.

BRUSQUE -- SANTA CATARINA

(Fundada em 1892)

**“ R E N A U X ”**

UMA TRADIÇÃO NA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL  
TECIDOS DE ALTA QUALIDADE  
CÓRES FIRMES E  
ACABAMENTO PERFEITO

**FILIAIS EM PORTO ALEGRE E BLUMENAU**  
REPRESENTANTES EM  
**RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR**  
**BELO HORIZONTE — FORTALEZA**  
**MACEIÓ**

# BLUMENAU em CADERNOS

Tomo IV | NOVEMBRO DE 1961 | N.º 11

## FRITZ MÜLLER

*Comunicação ao Congresso Brasileiro de Antropologia de CURITIBA*

por **Oswaldo Rodrigues CABRAL**,  
Prof. de Antropologia Cultural da Faculdade  
Catarinense de Filosofia

I  
Fritz Müller, o naturalista cuja obra científica está particularmente ligada a Darwin, por se ter tornado um dos mais apaixonados evolucionistas e procurado comprovar alguns dos seus postulados com as suas mais pacientes e acuradas observações — que lhe valeram até, da parte do sábio autor da “Origem das Espécies”, o qualificativo de **príncipe dos observadores** — teve a maior parte da sua vida justamente a sua fase produtiva, ligada a Santa Catarina.

Para a Província veio ainda moço, contando trinta anos, idade em que os dons do espírito costumam entrar na fase do amadurecimento, quando o juízo crítico, reputado como o maior dêles, entra a aproveitar os cabedais anteriormente recolhidos e a seleccioná-los.

Aqui viveu, sem dúvida alguma, os melhores anos da sua existência, tendo-os confessado, pois foi aqui que pôde realizar os trabalhos para os quais demonstrou, desde cedo, o maior pendor.

Depois de haver imigrado para o Brasil, não regressou mais à sua pátria, aqui morrendo aos 75 anos, embora houvesse morrido tão alemão como nele entrara quarenta e três anos antes, jamais tendo

nutrido o mais tênue desejo de tomar, como muitos dos seus compatriotas, a cidadania brasileira.

Não lhe empana a glória de sábio, todavia, o nativismo exaltado, como não se poderá esconder jamais que, apesar de tudo, foi aqui que realizou a sua personalidade e que foi a nossa natureza exuberante, cheia de misteriosos fatos para a ciência, que lhe permitiu alcançar a imortalidade, inscrevendo o seu nome ao lado do de sábios que honram o património cultural da humanidade.

Ainda hoje repousa na terra que amou a seu modo, sem integrar-se na sua vida. E, se na sua sempre lembrada pátria a sua memória jaz enterrada entre as fôlhas dos tratados científicos, conhecida apenas dos que as perlustram, é aqui que a sua memória se encontra sempre presente, mesmo entre aqueles que lhe não conhecem as obras, o seu nome sempre repetido como “o sábio”, pelos que transitam à frente da casa que habitou e do monumento que lhe ergueram, e descansam os seus restos na terra que conheceu ainda virgem, em meio da natureza que tanto o empolgou e que serviu tanto para tão justamente elevá-lo. Em tórno do seu túmulo ainda cantam as cigarras e ainda florescem os jacatirões.

## II

Fritz Müller veio para o Brasil em 1852.

Narrou o seu cuidadoso biógrafo J. Ferreira da Silva que, estando êle a lecionar em Erfurt, conheceu em casa de seu tio Tromsdorff o jovem doutor em filosofia Herman Blumenau, que viria a ser o fundador da Colônia, hoje Cidade que lhe conserva o nome.

Estudava Fritz Müller medicina em Greifswald, quando aquêlo amigo embarcou, em 1846, para o Brasil.

Empolgado com o que Blumenau veio a publicar num folheto de propaganda de suas idéias colonizadoras e das possibilidades encontradas em nosso país, Müller, que já nutria desejos de expatriar-se, decidiu-se e apenas aguardou uma oportunidade de fazê-lo.

Com efeito, tempos mais tarde, em companhia de seu irmão Augusto, a quem convencera acompanhá-lo, embarcou para o Brasil.

Desceu em São Francisco e, enquanto o irmão explorava as condições da incipiente Colônia do dr. Blumenau, Fritz encaminhou-se para a Colônia D. Francisca, atual Joinville, com o mesmo fim. Acabaram por optar pela primeira, mal impressionado Fritz com os terrenos pantanosos onde se iniciara a segunda.

De São Francisco, onde haviam estabelecido residência provisória, fizeram a pé o trajeto para a vila do Santíssimo Sacramento do Itajaí e subiram de canoa até o ponto em que havia Blumenau instalado a sua fundação.

Hospedou-os êste e tempos depois, em setembro de 1852, cada um recebeu o seu lote de terras e iniciaram, como simples colonos, as derrubadas, levantaram os seus ranchos e começaram a lavrar e a semear.

Sentiam-se felizes e o biógrafo citado textualmente informa: "Existem cartas de Fritz Müller, dessa época, que são hinos de gratidão ao destino que o fêz escolher aquêlo cantinho onde podia trabalhar e viver livre dos tormentos espirituais que, na velha pátria, lhe tinham amargurado tanto a existência".

A uma de suas irmãs, Rosa, que lhe foi predileta, escreveu mesmo:

"Tu ficarás contente sabendo que estou satisfetíssimo com a escolha que fiz da terra onde procurei a minha nova pátria e que aqui vivo perfeitamente feliz". "Tu hás de perguntar como, em casebre tão miserável e sobrecarregado de trabalhos pesadíssimos, pode a gente ser feliz. Conheces tu, porém, como se acha agora o pedacinho de terra que habitamos e o que êle foi há meses atrás, passeiasses os olhos em redor e pudesses dizer: isto tudo é o trabalho de minhas mãos, com elas limpei o chão da casa, fiz esteios, vigas e ripas, colhi as folhas para a cobertura, fiz surgir do caos de troncos e galhos seculares as roças que avisto desta eminência; tudo isto é meu, é o produto do meu esforço, do meu suor; pudesses dizer, isso, Roeschen, e certamente amarias e te sentirias feliz nesta terra e nesta choupana e com igual disposição e boa vontade tabalharias, como eu faço". "Eu me sinto tão bem aqui no mato que não o deixo nem mesmo aos domingos, etc"...

Além das ocupações habituais, próprias a todos os colonos, Fritz Müller atendia, ainda, como médico, a um ou outro colono enfermo, embora nunca tivesse tido grande entusiasmo pela profissão.

Dois anos ficaram os irmãos em seus primitivos lotes, à margem do Ribeirão Garcia, Itajaí acima, após o que os venderam e adquiriram outros, nas proximidades do povoado-sede, mas à margem esquerda do rio, donde só se mudariam depois do seu regresso da Capital da Província, onde se demorou cerca de dez anos como professor. Nessa oportunidade venderia também o seu segundo estabelecimento e passaria a residir à margem direita, um pouco abaixo da sede da Colônia.

## III

Fritz Müller nasceu em Windischholzhausen, uma aldeola da Turíngia, a 31 de março de 1822.

Era filho de João Frederico Teodoro Müller e de Carolina Müller, da família Tromsdorff.

Num e noutro lado contavam-se letrados — teólogos, professores, químicos, botânicos — e o pai era pastor protestante.

Transferiu-se a família pater-  
na, que era numerosa, em 1828,  
para Muehlberg e, em 1835, Fritz,  
que era o primogênito, ingressou  
no curso ginasial de Erfurt, onde  
o avô materno era boticário.

O pendor para o estudo da his-  
tória natural vinha-lhe do lar,  
pois o pai era também botânico,  
mas foi em Naumburg, onde, de  
1840 em diante, passaria Fritz a  
morar com um tio, que se acen-  
tuou a vocação para naturalista.  
Apesar destes pendores naturais,  
estudava Fritz Müller línguas, pa-  
ra as quais se sentia igualmente  
atraído, e J. Ferreira da Silva in-  
forma que, além das que obriga-  
tariamente havia de estudar em  
seu curso, "por sua própria ini-  
ciativa principiou a aprender ita-  
liano, russo, sírio e árabe". Ro-  
quete Pinto nos informa que es-  
crevia êle o inglês, o francês e o  
português, "com correção".

Desejoso de correr mundo, viu  
frustrado um primeiro projeto nes-  
te sentido pelo que, resolvendo  
encaminhar-se para o magistério,  
em 1841 matriculou-se na Univer-  
sidade de Berlim, onde foi aluno  
de professores afamados, segundo  
Roquete Pinto. Doutorou-se em  
filosofia em 1844 e, no ano seguin-  
te, lecionou no ginásio de Erfurt.

Mais tarde, fêz o curso médico,  
doutorou-se, casou e quando em-  
barcou para o Brasil já era pai  
de duas filhas, Luiza e Ana. As  
outras, Rosa, Inês, Ema, Tunsel-  
da, Selma e Marta, não contando  
um varão que apenas viveu ho-  
ras, nasceram no Brasil, umas em  
Blumenau, outras na Capital.

Foi professor das próprias fi-  
lhas, ensinando-as em livros ale-  
mães enviados da sua pátria pelos  
parentes, além dos que êle mesmo  
compôs para as leituras de que  
elas necessitavam.

Em 1893, morreu-lhe a espôsa,  
tendo já perdido a filha Rosa, na  
Alemanha, para onde a fizera via-  
jar em 1874. Passou a viver, en-  
tão, com Inês, sua filha, que re-  
gressou da Alemanha, mas pouco  
depois esta transferiu residência  
para Curitiba. Foi então passar  
os derradeiros anos de vida com  
outra filha, Ana, no centro da en-  
tão vila de Blumenau, abando-  
nando a casa onde tantos anos  
vivera.

#### IV

Um dos traços característicos  
da personalidade de Fritz Müller,  
para o qual os AA. chamam a  
atenção, foi o do seu agnosticis-  
mo.

Esta atitude tem sido chamada  
a justificar muitos dos seus atos  
e, mesmo, a sua irreligiosidade  
teria sido um dos motivos — ou  
o motivo — do seu afastamento  
da casa paterna como do esfria-  
mento das suas relações com o  
dr. Blumenau.

Conta Roquete Pinto que, já em  
1845, professor em Erfurt, "à medi-  
da que a ciência mais e mais o em-  
polgava", foram-se desvanecendo  
as suas crenças religiosas, come-  
çando, então, para êle, as suas  
atribulações morais.

"As cartas de Fritz Müller, du-  
rante a sua permanência, em  
Greifswald, documentam profunda  
revolta contra a opressão religio-  
sa que sentia ao redor de si, tanto  
mais quanto no meio universitário,  
em que passou a viver, as idéias  
dominantes eram bem diferentes  
das que seu velho pai, sacerdote  
cristão, e sua irmã, lhe recorda-  
vam sempre. Os seus autores pre-  
diletos eram Karl Marx, Bruno e  
Edgar Bauer, Feuerbach. Duas  
sociedades fundaram-se na Uni-  
versidade: uma contra os duelos,  
habituais nas escolas alemãs  
(Mensur) e outra — "Wechsels-  
teuerverein" — de aspecto perfei-  
tamente comunista.

De ambas foi sócio e mais tar-  
de, diretor.

Quase no fim da vida, em 1893,  
escrevia êle a um amigo (Oehsch-  
läger), lembrando Greifswald e  
dizendo claramente que as lutas  
e as discussões políticas, religio-  
sas ou sociais daqueles bons tem-  
pos, tinham tido a maior impor-  
tância no desenvolvimento do seu  
espírito".

Aliás, a "opressão religiosa" aci-  
ma referida, esbarrava com um  
sentimento de verdadeira intole-  
rância no mesmo sentido, que  
Fritz Müller passou a nutrir.

Roquete Pinto diz que "são tra-  
ços fortes do seu caráter indomá-  
vel, da sua sinceridade desatavla-  
da, brutal, orgânica, incontrastá-  
vel". Para nós, sem que nisto vá  
qualquer despreço à memória do  
sábio e menos às irrecusáveis qua-

lidades de homem de bem que apresentou, Fritz Müller era um intolerante pois, apesar de afirmar — “não quero ser escravo, nem posso” — não desejava apenas liberdade de pensar, mas recusava aos demais o direito que reclamava para si.

Ainda Roquete Pinto: — “A crise moral tornou-se, dest’arte, cada vez mais profunda, na família do pastor, cujo filho se distanciava sempre dos princípios tradicionais da casa. Até mesmo o doce conforto das cartas de Röschen começou a faltar a Fritz Müller. Ao terminar o seu curso médico, outro percalço lhe surgiu à frente, nos dizeres do juramento cristão a que se via obrigado: “*sicut Deus me adjuvet et sacrosanctum ejus evangelium*”. Pediu, então, ao Ministro que lhe concedesse tomar grau proferindo o juramento dos judeus. Isso lhe foi negado”.

Evidentemente, deveria ser muito grande a intolerância e quiçá rabujice do sábio, pois ao fazer semelhante petição deve ter esquecido que o Deus dos cristãos é o mesmo Deus dos judeus e juramento deferido aos judeus não se coadunava a quem afirmava solenemente odiar a dubiedade “que tem nos lábios uma crença e outra no coração”...

Esta mesma intolerância o levou, no Destêrro, a criar um atrito com um dos mais eminentes e cultos catarinenses da época, o ilustre Arcipreste Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, uma das glórias da tribuna sacra em Santa Catarina. O fato foi o seguinte:

Jorge Matias Heaton, Vice-Cônsul da Holanda e da Inglaterra em Santa Catarina, morador numa das espaçosas e magníficas chácaras da Práia de Fora, hoje rua Esteves Júnior, preparara uma armadilha para caçar um gatuno que andava a pilhar-lhe a propriedade. A umas visitas procurou mostrar o engenho e tão infeliz foi que êste descarregou tôda a sua carga de sal e bucha no abdome de quem a preparara. O fato causou sensação na pequena sociedade desterreense, tanto mais que se vivia à época em que a cirurgia ainda não penetrara as grandes cavidades splancnicas — o que condenava de antemão o infeliz acidentado a um sofrimen-

to atroz, do qual só escaparia pela morte.

Foi, de fato o que aconteceu, horas depois.

Poucos dias passados, pelas colunas do jornal local “**O Mensageiro**”, um cidadão alemão, afirmando ter tido conhecimento pelo noticiário “de terem sido inquietadas as últimas horas do desgraçado Heaton, pela tentativa do pároco dessa Cidade de reconduzi-lo ao seio da Igreja Romana”, protestava junto às autoridades contra o ato, perguntando: “Já não podemos aqui morrer em paz, nós outros, os protestantes?”

O agnóstico Fritz Müller não ficou quieto e desta vez resolveu tomar armas em favor da crença... que abjurara em sua pátria.

Assim, crismando a religião oficial do Estado de fanatismo, afirmou que êle: “qualificava de concubinato os nossos matrimônios, de ilegítimos os nossos filhos e nesta cidade até atreveu-se a turbar os momentos últimos de um infeliz moribundo para, por suas demonstrações importunas, persuadi-lo a mudar de religião”. “Não pode deixar de produzir a mais viva impressão na Alemanha protestante, continuava Fritz Müller, a notícia desta tentativa revoltante”. Conta, a seguir, fatos e humilhações que haviam tido a sua pátria por cenário “em torvos tempos de intolerância”, para terminar: — “Porém, se impune-mente continuarem êstes atentados do clero da religião do amor — então, patricios, protestantes, voltemos para a nossa terra; ali, qualquer que seja a nossa sorte, pelo menos poderemos morrer sossegadamente”.

Era, demasiada ousadia. Fritz Müller era funcionário do Governo, que prometera respeitar uma religião que não era a oficial, e não poderia manifestar-se como o fez, tanto mais que êle nem mesmo era... protestante.

Em verdade, o que êle desejava era criar um caso com as autoridades brasileiras, certo de que, na empreitada, sairia o Brasil humilhado. Sendo um germanista que desprezava tudo quanto lhe cheirasse a latinidade, o seu interesse não foi, absolutamente defender um luterano que desejava conservar a sua cren-

ça, mas sim firmar uma posição de pseudo superioridade, de que nunca fez omissão em sua vida, com respeito aos seus compatriotas.

Paiva, o pároco, deu trôco imediato, repondo os fatos em seus devidos termos. Não lhe intimidaram as ousadias de Fritz Müller nem o alto conceito de que então merecidamente êle gozava na Capital. Tomando por testemunhas os médicos que acudiram ao ferido, provou que, sendo amigo do mesmo, fôra visitá-lo e consolá-lo. Naturalmente, como sacerdote católico, não esqueceu os seus sagrados deveres de exortar, em linguagem paternal, o ferido, de converter-se. Este, "mais justo para conosco", agradeceu-nos o zelo — diz o Padre Paiva — reconheceu que cumpríamos um dever" — mas não anuiu. E, a Müller lembrava que o Governo, que tinha a religião católica como oficial, subvencionava os pastores protestantes de Blumenau com 800 mil reis, quando a cônica anual dos padres católicos não excedia a 300. Esta era a intolerância brasileira...

Os AA. biógrafos de Fritz Müller não escondem que o agnosticismo do sábio provocou o desagrado de Blumenau. Ora, outros agnósticos haveria na Colônia, certamente. O que Blumenau, homem de crenças, não queria na Colônia, era a intolerância, que acabaria por perturbar a ordem. Por isto mesmo, quando pôde, sem desamparar o compatriota e o amigo, procurou vê-lo pelas costas, apesar de todo o seu valor intelectual e de tê-lo mesmo ajudado, com o irmão, em dias de dificuldade de sua incipiente Colônia. Daí o tê-lo indicado para professor do Liceu, na Capital da Província.

Quanto aos seus arraigados sentimentos de germanismo, a que nos referimos e aos quais atribuímos a sua intromissão no caso Heaton, é conhecida uma carta, datada de julho de 1871, na qual expende conceitos que não nos são nada lisongeiros.

Apesar de haver recebido nesta pátria, onde entrara desconhecido e viera a ocupar cargos públicos de destaque, inclusive o de professor da sua mocidade, depois de

quase vinte anos de residência no Brasil, onde se sentira tão feliz, ainda não aprendera a amar a sua gente. Eis o trecho, que Roquete Pinto transcreve:

"O sul do país (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) poderia tornar-se território preponderantemente alemão, se o Governo alemão, em vez de promover a imigração para aqui, não lhe opuzesse estorvos de toda classe. Infelizmente não é assunto que se possa discutir na imprensa. De certo não podemos dizer com franqueza que alcance teria uma numerosa imigração alemã, para que, no sul do Brasil, ela se tornasse o poder dominante e afastasse um dia, de todo, o elemento latino decadente. Não tenho a menor duvida de que, mais tarde, ainda que não em nossos dias, no Brasil extra-tropical a raça germânica há de dominar. Quizesse a Alemanha, poderiam ser os alemães, infelizmente é mais provável que sejam ingleses ou os yankees".

Roquete Pinto, generosamente, como é do nosso feitio, procurou justificar o sábio, dizendo que, "vivendo às voltas com os seus crustáceos e as suas orquídeas — andou sempre longe do povo que já tinha, naquela época, desdobrado aos olhos do mundo o mapa das bandeiras".

Generosidade. Não andara longe do povo quem convivera com a sua mocidade, por dez anos, num colégio, e quem frequentara as páginas da imprensa de uma Capital.

Em verdade, o sábio era um homem como outro qualquer, sujeito às mesmas contingências e, portanto, aos mesmos erros de apreciação e às mesmas injustiças no julgamento.

Isto o justificará de melhor maneira, não obstante deva ser dita a verdade.

Não será por ter sido um sábio mundialmente acatado que se deva esconder a rudeza dos conceitos a nosso respeito, nem tão pouco o futuro que nos desejava. Também deveremos ser como êle o foi, senão ríspido, ao menos como quando disse que "sempre que tiver de falar, hel de dizer a verdade".

Digámo-la também...

Fritz Müller foi professor do Liceu Provincial de Santa Catarina, de 1857 a 1864, isto é, durante todo o tempo da curta existência do citado colégio.

Este Liceu fôra criado pelo Presidente João José Coutinho, em substituição ao extinto Colégio dos padres jesuitas, que fôra fechado pela febre amarela, em 1853, e Fritz Müller, indicado pelo dr. Blumenau, foi convidado para assumir a cadeira de matemáticas.

Teria o sábio relutado em aceitar a oferta, mas acabou acedendo, com vistas de completar os seus trabalhos sôbre várias espécies de crustáceos.

A imprensa da época, principalmente a contrária ao Presidente da Província, criticou a nomeação de alguns professores, aos quais denominava de "professôres colonos", por terem vindo dos núcleos alemães, pois, além de Müller, fôra nomeado um outro, para a cadeira de latim e, em seguida, designado para Diretor do Colégio.

Todavia, iniciadas as atividades, se bem que nos anos subsequentes as críticas ao estabelecimento tenham sido as mais acerbas, não se encontra coisa alguma em desabono de Fritz Müller como professor, o que equivale dizer que a sua atuação não mereceu reparos.

Ferreira da Silva conta que Coutinho costumava assistir às aulas do sábio naturalista e, mesmo, lhe permitiu utilizar-se de uma parte da chácara em que funcionava o Liceu para formar um pequeno jardim botânico, fornecendo-lhe, ainda, sementes e plantas.

Vale-se de um informe de Müller para narrar que "certa ocasião, entrando na aula em que lecionava, aconteceu que o professor justamente explicava aos meninos certas particularidades dos peixes tintureiros; dias depois, mandou-lhe o Presidente um lindo exemplar de argonauta, que recolhera, havia anos, nas costas do Rio de Janeiro. De outra feita, dizendo-lhe Fritz que pretendia dar aos alunos mais adiantados algumas lições de física e química, ofereceu-lhe o presidente vários aparelhos e produtos químicos em quantidade duas vezes maior do

que a necessária. Os seus alunos também o estimavam muito; tinha o dom de saber tornar agradáveis as lições, de forma que elas, efetivamente, aproveitassem a todos".

Em 1858, firmou-se na sua cátedra, fazendo concurso, juntamente com outros professôres.

No ano seguinte, João José Coutinho, que era o maior entusiasta do Liceu, deixou a Presidência da Província e o seu sucessor, dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque, afirmaria à Assembléa Provincial que o plano de estudos do Liceu não lhe pareceu o melhor, urgindo a sua reorganização ao tempo em que a imprensa da terra acusava abertamente a má orientação do ensino e denunciava irregularidades no provimento das cadeiras. Apesar de haver a Assembléa autorizado por lei o Presidente a reorganizar o estabelecimento, a campanha pela imprensa acabou por surtir efeito e o Liceu entrou francamente em decadência. Brusque deu-lhe um novo regulamento, baixou novas regras a serem observadas no ensino e tomou providências para que o estabelecimento pudesse cumprir as suas altas finalidades. Criou cadeiras novas, padronizou vencimentos dos professôres, melhorando-os, mas, aos poucos a confiança no estabelecimento foi perdendo as suas bases, na opinião pública. O número de matrículas diminuiu, de ano para ano e acabou por ter de fechar as suas portas em 1864.

Um novo Presidente da Província, Leitão da Cunha, buscou então restabelecer o antigo colégio dos padres da Companhia de Jesus e, embora as conversações tivessem sido demoradas e os ajustes por mais de uma vez a ponto de fracassar, a 3 de fevereiro de 1865 abria as suas portas o Colégio do Santíssimo Salvador.

Com uma organização mais ou menos padronizada, seguindo os moldes de outros estabelecimentos de padres da Companhia, o contrato com o Governô da Província estipulava cláusulas com respeito à disciplina e ao ensino com as quais não se conformaram três professôres, remanescentes do antigo Liceu, entre os quais está visto, se encontrava Fritz Müller, sa-

indo todos pela imprensa para criticar regulamentos e programas.

Müller batia-se pela criação da cadeira de alemão, alegando a existência de mais de seis mil colonos dessa etnia na Província. Achava muito natural, certamente, que se ensinasse o alemão, para que pudessem ser compreendidos os imigrantes entrados e estabelecidos nas colônias da Província, em vez de se bater — o que aliás nunca fez — pela criação de escolas brasileiras para ensinar a língua do país aos seus compatriotas.

Embora com situação assegurada, pois era professor, como os dois outros companheiros, concursado, Fritz Müller entrou numa espécie de disponibilidade, afastado do magistério e sem função. Ferreira da Silva diz mesmo que esta situação não agradou ao sábio e que em 1866 dirigiu uma proposta ao Governo provincial, oferecendo-se para, sem maiores onus para os cofres provinciais, examinar e recolher o que de precioso e digno de estudo encontrasse na flora e fauna da Província, bem como organizar, às margens do Itajai um campo experimental onde pudesse tratar da aclimação das plantas úteis de outras províncias e países.

A proposta parece ter agradado ao governo e quando, em 1867, por lei, deu destino aos três professores do antigo Liceu, Fritz Müller recebeu o de "princípios a exploração e estudos para ensaiar o plantio e cultura de plantas exóticas e indígenas com emprêgo na indústria".

Regressou, então, com a família, para Blumenau, depois de dez anos de estada na Capital, como professor.

## VI

Não fez Fritz Müller da incumbência uma sinecura, mesmo porque entrava no terreno apaixonante das suas pesquisas e observações. Assim foi que empreendeu várias viagens e excursões, subindo até o planalto.

Depois de quase sete anos nestas atividades, durante os quais realizou a maior parte das suas observações, viu-se na contingência de voltar à Capital.

O Colégio do Santíssimo Salvador, como outros anteriores, sofreu enorme desgaste no seu conceito, atacado pela imprensa e pelos deputados à Assembléa Provincial infensos à política dominante. Debalde foram as críticas severas desfeitas ou respondidas pela bancada que apoiava o Governo: — a sua decadência tornou-se evidente e teve, também, de cerrar as suas portas. Cogitou, então o Governo de criar um novo estabelecimento, deitando bases ao "Ateneu Provincial" e, em 1874, Fritz Müller foi intimado a retomar a sua cadeira de matemáticas.

Contrafeito, Müller deixou Blumenau, desta vez sem a família, regressando ao Destêrro. Mas, no ano seguinte, como pessoa mais capaz, foi encarregado de acompanhar o naturalista francês Wiener, que em companhia de Schreiner, do Museu Nacional, haviam sido incumbidos de realizar estudos sobre os sambaquis das costas catarinenses.

Pouco depois, ainda no Destêrro, veio a conhecer o Diretor do Museu Nacional, Dr. Ladislau Neto. Já então conhecido nos meios científicos nacionais, com os quais, tudo leva a crer, até então poucos contactos havia tido, tendo preferido os meios europeus para a divulgação das suas acuradas investigações, foi convidado para ocupar um lugar de naturalista itinerante do Museu, cargo para o qual acabou sendo nomeado em 1876, com os vencimentos de duzentos mil reis mensais.

Ferreira da Silva informa que ele "iniciou imediatamente as suas viagens de exploração e estudos, nas quais recolheria numerosos exemplares da fauna e da flora e faria as mais interessantes observações que, sob a forma de relatórios e artigos, mandava para o Museu Nacional e também às revistas alemãs especializadas, nas quais colaborava.

Em 1884, por intrigas políticas, diz o seu biógrafo, viu-se exonerado do cargo que ocupava, mas foi readmitido em 1888, permanecendo até 1891. Nesse ano, conta Ferreira da Silva, "proclamada a República, e apesar de lhe ter Ladislau Neto assegurado que continuaria o novo Governo aprovei-

tando os seus serviços, recebeu do Diretor do Museu a comunicação de que o Ministro de Instrução, Correios e Telégrafos determinara que a residência dos naturalistas viajantes não poderia ser mais tolerada fora da Capital Federal, para onde deveriam todos mudar-se, percebendo cada um o ordenado de três contos de reis anuais”.

A deliberação ministerial não poderia ser cumprida por Müller, cujos interesses científicos e familiares estavam sólidamente presos à Província. Recebida a comunicação, no dia seguinte dirigiu a Ladislau Neto officio considerando-se demittido, por não poder transferir a sua residência.

### VII

A bagagem científica de Fritz Müller é volumosa e Roquete Pinto afirma que abrange 248 memórias e monografias, faltando ainda notícia de 11 originaes, extraviados, e hoje considerados perdidos.

Muitos destes trabalhos constituem, de fato, valiosa contribuição à História Natural e todos elles foram fruto de cuidadosa observação do sábio naturalista.

Era, todos o afirmam, um observador consciencioso, probo e capaz. A linguagem dessas contribuições era sóbria, rigorosamente científica, despida de artificios, precisa e exata.

Darwinista, nos seus trabalhos procurou sempre encontrar a comprovação dos postulados enunciados pelo sábio inglês. Aceitara as teorias e na Natureza buscara a sua comprovação. Como naturalista, foi sempre de uma inatacável probidade e jamais se afastou da epigrafe que colocara em sua tese de doutoramento em filosofia em 1844, e que repetiu, em 1863, em *Für Darwin*, palavras de outro Müller, de Copenhague: — “Aliás, o que exponho, sem jurar nas palavras de ninguém, e sem compilar as descobertas de outrém, é o que eu mesmo investi-guei, achei, e observei por diversas vêzes e em diverso tempo”.

Manteve correspondência com os vultos mais eminentes do evolucionismo e Darwin o qualificou de “príncipe dos observadores”.

Foi paciente nas pesquisas e

atento nas observações e, sem temor de engano, pode-se dizer que nelas encontrou o bálsamo para as angústias do seu torturado espirito, um espirito rebelde, inquieto, em busca da verdade.

Quiséramos alinhar nesta comunicação tôdas as 248 memórias e monografias feitas por Fritz Müller, publicando os seus títulos. Infelizmente, porém, faltaram-nos os dados completos que poderiam permitir esta recordação de todos os trabalhos que pôde realizar no Brasil, pois foi no Brasil, só em nossa pátria, que pôde encontrar as condições que permitiram elevá-lo da condição de professor de aldeia ou de médico rural às culminâncias de cientista.

A sua glória, evidentemente, de perto nos toca — e, embora não o tivesse desejado, talvez, poderemos dela compartilhar.

### VIII

Doutor *honoris causa* pela Universidade de Bonn (1868), Membro da Sociedade Zoológica Argentina (1874), Doutor *honoris causa* pela Universidade de Tuebingen (1874), Sócio correspondente da Sociedade Nacional de Ciências de Buenos-Aires (1884) e Honorário da Entomological Society, de Londres (1884), Fritz Müller passou os derradeiros anos de sua vida em Blumenau.

O renome de cientista não lhe trouxe a desejada tranquillidade. Não lhe bastavam os justos louros colhidos no campo árduo da ciência, que vinha projetando, mercedamente, o seu nome em todo o mundo científico. A sua inquietação era permanente e o homem que não se achara diminuído em trabalhar, como colono, no amanho da terra nem de andar de pés nus, como um mendigo, pelos vales e pelas serras, à cata de espécimes da natureza, não se sentia suficientemente grande com as glórias que a ciência lhe reservava.

Envolveu-se em política, foi Juiz de Paz e viu-se metido em questões que lhe valeram alguns inimigos e detratores. Nem poderia deixar de ser, com o seu gênio e com as suas convicções. Em 1893, por ocasião da revolução federalista, chegou a ser prêsso, sendo já septuagenário.

Neste mesmo ano, a espôsa adoeceu e em março do ano seguinte, faleceu. Passou a viver com as filhas, com uma delas e depois com outra, até que encontrou a paz a 21 de maio de 1897.

Seus despojos repousam ainda em terra brasileira, em Blumenau, Santa Catarina, terra trabalhada por ele na ânsia de descobrir os seus segredos, para cuja natureza teve olhos para ver e inteligência e cultura para compreender — mas para a qual não teve coração para amar, como teria sido de desejar.

A memória do sábio levantaram os blumenauenses um monumento — perene e justo preito de reconhecimento aos seus trabalhos.

Roquete Pinto escreveu sobre ele páginas de compreensão e ternura, que incluiu entre as que denominou de **Glória sem Rumor**.

Ferreira da Silva foi o seu biógrafo, recompondo-lhe os passos no ambiente em que ele viveu, em

Blumenau, no Destêrro, verdadeiro tributo de afeto brasileiro ao sábio alemão.

A sua obra, inclusive 500 cartas, aproximadamente, trocadas entre o sábio colono de Blumenau não só com os seus parentes como com as mais altas expressões do mundo científico de então — Darwin, Haeckel, Weissmann, von Ihering e outros — foram reunidas em quatro volumes por Alfred Moeller, seu principal biógrafo e reunidor dos seus trabalhos esparsos. Foi este carinhoso trabalho de Moeller que fêz convergir sobre Fritz Müller a atenção da posteridade.

E, neste Congresso, que celebra também o centenário de Charles Darwin, esta desprezenciosa comunicação visa ligar mais uma vez o sábio observador ao criador da **Origem das Espécies**, amizade que se solidificou durante a vida de ambos e que a morte não pode quebrar nem a posteridade esquecer.



Na praça que tem o nome do grande cientista, ergue-se a estátua de Fritz Müller, obra de arte de autoria do escultor Alberto Freyhoffer e que foi inaugurada, com grandes solenidades, com a presença do então ministro da Viação Dr. Victor Konder e altas autoridades civis, militares e eclesiásticas. Pronunciou o discurso

inaugural o grande mestre Roquette Pinto, que produziu uma peça digna da sua grande cultura e da sua peregrina inteligência. O discurso de Roquette Pinto foi, posteriormente, distribuído em folhetos sob o título de “Uma glória sem rumor”, em que o autor traça uma cuidada biografia do sábio naturalista. Com a sua erudita e copiosa obra científica, Fritz Müller honrou a terra que durante mais de quarenta anos lhe serviu de segunda pátria.

No estudo acima, o dr. Oswaldo Cabral, acatado historiador catarinense, focaliza aspectos interessantes da vida de Fritz Müller, especialmente do seu tempo de professor do Liceu Catarinense, na velha Destêrro. Foi nessa cidade que Fritz Müller realizou os seus mais importantes estudos relacionados com moluscos e crustáceos, publicando o trabalho que lhe valeu os mais destacados elogios da ciência mundial: “**PRO DARWIN**”.



**A** 8 de novembro de 1863, nasce em Itajaí, Santa Catarina, o senador e ministro Lauro Müller, que foi governador do Estado, membro da Academia Brasileira de Letras e um dos políticos brasileiros de maior projeção.

## Honrosos conceitos

Por mais de uma vez, tivemos necessidade de recorrer ao Arquivo da Torre do Tombo, de Lisboa, para esclarecer dúvidas que se nos apresentam, de contínuo, nos nossos estudos relacionados com a exploração e o povoamento do Vale do Itajaí.

As primeiras concessões de terras, nessa região, como se sabe, foram feitas ainda no tempo do Brasil-colônia e grande parte da respectiva documentação se encontra no principal arquivo português.

E, manda a justiça que se diga, sempre que nos dirigimos àquela repartição lusa, fomos acolhidos pelo seu primeiro conservador e atual diretor, senhor José Gaspar de Almeida, com presteza e fidalguia que muito a honram e a prestigiam.

Houve oportunidade em que, tendo recorrido, ao mesmo tempo, a Lisboa e ao Rio de Janeiro, fomos atendidos por aquêlê muito antes que o nosso Arquivo Nacional se dispuzesse a responder-nos.

Infelizmente, a morosidade, a burocracia que dificulta as consultas aos nossos arquivos, Conselhos e Institutos, desanima o estudioso das coisas do passado que não esteja em condições, por êste ou aquêlê motivo, de tratar, pessoalmente, dos assuntos que o interessem, nas próprias repartições.

Num gesto espontâneo de reconhecimento à direção do Arquivo da Torre do Tombo, passamos a enviar, regularmente, ao sr. José Gaspar de Almeida, a nossa publicação.

Agora, recebemos de S.S. uma carta que, ao nos ser sobremodo honrosa, é mais um atestado, não apenas da dedicação, do desvêlo com que o signatário assinala e dignifica o desempenho das suas funções, como também do interêsse que o nosso Estado desperta nos intellectuais portugueses.

Transcrevemos, data vênia, essa carta, menos em nosso próprio e justificado desvanecimento, do que para destacar a atuação inteligente, criteriosa e viva do missivista, frente à repartição confiada ao seu zêlo e à sua competência.

Eis o teor da carta do sr. Almeida:

“Embora tardiamente, do que peço muita desculpa, venho agradecer a V. Exa., reconhecidíssimo, a oferta da curiosa e útil publicação “Blumenau em Cadernos”, de que recebi os números 2 a 5, do tomo IV (fevereiro a maio de 1961).

Tenho-os ido lendo consoante mo permite o pouquíssimo tempo disponível e confesso que tenho saboreado essa leitura com algum proveito do meu cabedal de conhecimentos e verdadeiro deleite do espírito. Aprende-se nessa leitura, com efeito, como o esforço do homem auxiliado pelas exuberâncias de uma natureza pródiga faz surgir do nada uma povoação que a breve trecho se transforma em florescente cidade e como que dia a dia se vai acompanhando êsse desenvolvimento, com seu cortejo de dôres e alegrias, esperanças e desânimos, que nunca deixam de ligar-se a todos os humanos empreendimentos; no aspecto sentimental vislumbra-se, através da mesma leitura, a região paradisíaca em que assentam essas cidades e cria-se intenso desejo de algum dia as poder visitar a fim de satisfazer a instantes solicitações do espírito.

Por mim, confesso que se me fôsse dado alimentar a esperança de um dia poder transpor o oceano para visitar longínquas terras seria pelo sul do Brasil que começaria tal digressão, com pena de que as minhas circunstâncias pessoais me não permitissem fixar-me aí por longa, bem longa temporada.

Só lamento (lamento-o mas compreendo-o perfeitamente) que, confirmando "Blumenau em Cadernos" o que algumas vêzes ouvi ao professor David Carneiro, rareie tanto por aí o elemento de ascendência lusa. Por isso não é sem júbilo que por vêzes se me deparam nomes tão portugueses como o de V.Exa. a darem a nota de que há, ainda, entre os naturais e habitantes dessas terras indivíduos que não são "estrangeiros".

Reiterando os meus agradecimentos e enviando-lhe cumprimentos muito cordiais, peço me considere sempre de V.Exa., José Gaspar de Almeida. Lisboa, 29/9/961."

Ao sr. Gaspar de Almeida o nosso sincero: muito obrigado!



## PARA O NOSSO ARQUIVO

Atendendo ao apêlo que fizemos em uma das nossas edições anteriores, a senhorita Hanna Faulhaber, filha do saudoso pastor Faulhaber, um dos pioneiros da imprensa blumenauense, ofertou-nos um exemplar do "*Blumenau's illustrierte Familien-Kalender für das Jahr 1914*", obra de cuja falta a nossa estante de literatura blumenauense estava se ressentindo. Esse calendário foi impresso no ano citado, nas oficinas da Tipografia Baumgarten e traz, além das clássicas informações que soem caracterizar as publicações dessa natureza, alguns artigos de grande interêsse para a história de Blumenau. Somos muito gratos à gentileza da distinta senhorita Faulhaber que, com êsse gesto, revela o seu grande empenho pela obra que os "CADERNOS" vêm realizando e o seu amor ao passado blumenauense que pretendemos preservar e cultivar.

Outra interessante oferta nos foi feita pelo nossa distinta colaboradora, sra. Alice von Moers, professôra residente em Florianópolis. D. Alice é filha de Paulo Schwartzner, um dos primeiros advogados blumenauenses, a cuja memória já dedicamos algumas páginas de uma das edições dêste ano, da nossa revista. Paulo Schwartzner, como então salientamos, era grande amigo do Padre Jacobs, o primeiro vigário de Blumenau que, em certa ocasião, lhe ofereceu a sua fotografia com amável dedicatória. Foi essa mesma fotografia que Dona Alice von Moers doou ao nosso arquivo. Para nós, é êsse um documento precioso. Somos muito gratos à gentileza da ilustre descendente da primeira professôra de Brusque por êsse seu gesto. A dona Alice o nosso: Muito obrigado!

## “Estante dos “Cadernos”

★ “UNSERE VÄTER” (Nossos Pais) — pelo pastor Max-Heinrich Flos — 220 páginas, impresso em bom papel, nas oficinas gráficas de Rotermund & Cia. Ltda. de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. — Graças à gentileza de dona Cristiana Deeke Barreto, recebemos um exemplar dessa interessante obra, redigida em alemão e português, com ilustrações muito expressivas. A capa do livro reproduz um desenho de J.J. von Tschudi, datado de 1861 e feito no Vale do Itajaí. Esse trabalho foi elaborado e editado em comemoração do 50.º aniversário da criação do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná, entidade fundada em 6 de agosto de 1911. Traz um prefácio do presidente sinodal, o sr. Pastor Hermann Stoer e seu texto se divide em 24 capítulos em alemão e as suas respectivas traduções portuguesas. Estas, em grande parte, foram feitas pelo dr. Ivo von Wangenheim, havendo, entretanto, outras do pastor L. Creuzberg, de Harald Roepcke, de Claus Germer, de Lauro Harbs, de Diebber Pirnz, de Walter Lange, de Curt Brandes e de Renato Odebrecht. Há, nesse livro, preciosas informações sobre as principais comunidades evangélicas, componentes do Sínodo e, ao par delas, valiosos subsídios para a história das respectivas localidades, da fundação de várias colônias, do seu desenvolvimento, das dôres e alegrias dos seus pioneiros e desbravadores.

Comemora, assim, dignamente, o Sínodo Evangélico o seu jubileu de prata de maneira prática e inteligente, prestando, dessa forma, grande serviço às letras históricas, registrando, para a posteridade, exemplos dignos de serem apontados às gerações presentes e futuras como diretrizes seguras para o sucesso material e espiritual dos indivíduos e das coletividades. Somos muito gratos pela preciosa oferta.

★ “BARTOLOMEU”, romance de Arnaldo Brandão — Editôra Gráfica Laemmert Ltda. — Rio de Janeiro — GB. — 220 páginas. — Neste seu novo romance, o nosso prestimoso colaborador e brilhante homem de letras, Arnaldo Brandão, reafirma as suas magníficas qualidades de ficcionista, os seus dotes de literato brilhante e de incontáveis recursos intelectuais. Trata-se da história triste, atribulada, de um faroleiro ambicioso “que desejava reinar e ter para si, a sua própria pátria” e, para isso isola-se em uma ilha e, com isso, isolou-se, também da civilização. “Construiu ali o seu mundo, que, com o passar dos anos, foi se transformando em um mundo de alucinações”. Na contra-capá, esclarece-se: “o autor não identificou o local em que se desenrola esse drama. Pelo clima, pela vegetação, pelos caracteres das personagens, chega-se de imediato à conclusão de que foi a paisagem catarinense que lhe inspirou e lhe deu o cenário para que se calcasse nele a sua história. O pôrto de Itajaí forneceu-lhe os elementos principais.”

É um romance que se lê com grande prazer, atraído não só pelo estilo leve e agradável, como pela trama atraente e que se acompanha com crescente interesse.

Arnaldo Brandão, que é filho de Itajaí, com mais esse romance si-

tua-se entre os bons ficcionistas nacionais, merecendo, o seu novo livro, francos aplausos.

Nossos parabens a Arnaldo Brandão e os nossos agradecimentos pelo exemplar que nos mandou.

★ **CLUBE 29 DE JUNHO** — Suplemento da “Tribuna de Petrópolis” — Estado do Rio — Temos recebido, com regularidade, essa publicação mensal da entidade que congrega elementos estudiosos da história e das tradições dos primeiros colonos de Petrópolis, que lhes cultuam as virtudes e o trabalho levado a efeito para o engrandecimento, material e cultural, da próspera e nobre cidade dos imperadores. Esse suplemento nos dá, seguidamente, conta das atividades do Clube 29 de Junho, nos seus vários setores, cultural, artístico, recreativo, financeiro e desportivo. No número de 17 de dezembro, que acabamos de receber, vem publicado o resumo dessas atividades no ano de 1961, e, por êle, pode ter-se uma idéia do muito que o Clube vem realizando no propósito de dar cumprimento às determinações estatutárias. Dessas atividades, devemos destacar a publicação de 9 boletins; a realização do 1.º Salão Petropolitano de Pintura, major Koehler, com a participação de 42 artistas residentes na cidade e a apresentação de 72 telas. A exposição de 100 anos de pintura alemã, com 52 reproduções; O curso de língua alemã, com 10 turmas e 4 professores; a conferência do reitor Pedro Calmon sobre “As raízes germânicas de Petrópolis”; a divulgação de importantes documentos históricos; as retretas pelas bandas militares; as representações teatrais, de corais e de grupos de danças antigas; as sessões cinematográficas gratuitas; os almoços de confraternização; a ceia dos tempos dos vovôs; as corridas de facho e outros números esportivos; tudo isso e muitos outros itens de que não nos lembramos no momento, demonstram bem quanto o Clube 29 de Junho realizou e quão útil e proveitosa à cultura intelectual e ao desenvolvimento econômico e social de Petrópolis tem sido a atuação do Clube que tem à sua frente, entre outras, a figura do dr. Guilherme Auler. Nossas congratulações com a direção do Clube 29 de Junho e os nossos parabéns pelo muito que vem realizando.

★ **“REPORTER FILATÉLICO”** — Continua a visitar-nos regularmente a vitoriosa revista especializada, que se publica em Curitiba, sob a direção do abalizado filatelista Frederico Ortweiler. “Reporter Filatélico” aparece, em cada novo número, com matéria interessante, com novas seções e novos colaboradores o que lhe dá crescente estima da parte dos aficionados do colecionismo. Um abraço de felicitações ao sr. Ortweiler.

— ★ —

**A** enchente de 17 de novembro de 1855, foi uma das maiores já provocadas pelo Itajaí-Açú. Segundo anotações registradas pelo Diretor, durou três dias. O Dr. Blumenau e Fritz Müller se encontravam ausentes, na Barra do Rio Itajaí-Mirim. De tal forma era grande a correnteza do rio e o seu volume d'água que o regresso desses dois pioneiros só se pôde verificar a 23 do mesmo mês. As águas subiram a 9 metros e meio acima do nível normal.

# A VIDA DE BLUMENAU HÁ 60 ANOS

Oto STANGE

(Tradução de Frederico Kilian)

Proseguimos, hoje, na publicação do interessante trabalho do sr. Oto Stange, que começámos na página 150 d'êste t'omo. Chamamos para êle a atenção dos nossos leitores. Em forma de um passeio pela cidade de Blumenau, há 60 anos atrás, o sr. Stange faz referências a pessoas, locais e circunstâncias dentro de rigorosa verdade histórica. Para melhor compreensão do trabalho pelos blumenauenses moços, seria de desejar essa publicação com alguns esclarecimentos e comentários. Infelizmente, pela extensão do artigo e pelo pouco espaço de que dispomos, somos obrigados a desistir da idéia. Em outras oportunidades, entretanto, voltaremos às informações do Autor para nela basearmos outros trabalhos a respeito de Blumenau de 1900.

As malas postais já foram trazidas do vapor "Blumenau" e o agente, "Eberhard, o barbudo" o respeitável chefe do Correio Federal em Blumenau, em própria pessoa abre as malas, e auxiliado por sua esposa e seu filho Paulo a distribui, recomendando "paciência" aos que se aglomeram na porta da agência e na frágil escadaria de madeira. Amarrado à cêrca de sarrafos, o alazão do Sr. Richard Paul procura abocanhar um pouco da grama gorda que cresceu à beira da estrada, enquanto que seu dono, o Sr. Paul, que desta vez veio êle próprio do Timbó, "bater um papo" com o açougueiro Poerner, no outro lado da rua, discutindo a escassez do gado e conseqüente alta do preço da carne. Também o Sr. Friedenreich parou com sua aranha em frente à agência e perguntou por correspondência para si e seus vizinhos em Áltona. — "Paciência" recomenda novamente Eberhard, "todos serão atendidos a seu tempo". Friedenreich e Richard Paul, cada um com boa porção de cartas e jornais, dirigem-se sem demora a seus domicílios. Também nós já recebemos nossa correspondência e, com cuidado descemos os dez degraus da escada que nos leva à rua. — "Boas notícias?" indaga o Sr. Poerner. "Obrigado, acho que sim" respondemos, "pois a correspondência vem de nossa velha pátria". "Então, creio que também receberei notícias da minha inesquecível Boêmia" e atravessa a estrada. Também o Peter Kiesel, o escoveiro, seu vizinho, se dirige ao correio, com sua bem avolumada barriguinha a pôr em prova a resistência dos botões do seu colete. Enquanto isto, sua espôsa aparece à varanda, cuja balaustrada se acha repleta de colarinhos e punhos bem alvos e reluzentes, para recolher estas peças da elegância masculina, pois hoje à noite há baile no salão do Bernhardt e os mocinhos da cidade querem apresentar-se ali com toda elegância. "Sempre em atividade, Frau Kiesel!" ao que ela nos responde: "Si eu não o fizer, quem então irá engomar e passar êstes peitinhos, colarinhos e punhos?" As donas de casa não gostam de fazê-lo, porque dá muito trabalho."

Mas quase ia-me esquecendo, no armazem do Merk, ao lado do correio, terei que fazer ainda algumas compras, principalmente lentilhas, as mais frescas que se consegue na cidade. Sra. Merk, uma mulher muito gentil, de baixa estatura, nos serve com muito prazer e oferece suas outras mercadorias: ervilhas, feijão branco, arroz da Índia, sal fino de Lueneburgo, etc. Com o sal sempre tem sua dificuldade, para conservá-lo sêco, pois o clima em Blumenau é muito úmido, assim se queixa ela, "para conservá-lo sêco é preciso colocar os saquinhos de vez em quando, em cima da parte cimentada do fogão, perto da chaminé". "Obrigado, Sra. Merk, até outro dia."

O morador da casa visinha, Coletor Buechele, já se pôz à vontade, sentado em sua cama, enfiado em um cômodo pijama. Quem passa por sua casa, não pode evitar de devassar com um olhar indiscreto, o interior do dormitório, cuja janela fica situada muito baixa, bem à beira da rua. As casas, neste trecho, entre a Rua do Fantasma e o Canal do Blohm, ficam muito abaixo do nível da rua, cujas calçadas, feitas de lousas de xisto, estão situadas cêrca de um metro abaixo do nível da rua. Mas em breve isto forçosamente será mudado, pois o dentista Haertel, que na esquina está construindo uma casa de dois pavimentos, já elevou o piso do andar térreo à altura da rua. No outro lado, Ale-

andro Lenzi também já construiu uma casa geminada, de dois andares, que, devido as suas espessas paredes, já se inclinou um pouco para o lado do rio Itajaí, ficando suas paredes frontais fora do prumo, mas não obstante isto o prédio continua firme e sólido. Na parte ocupada por Lenzi, este explora uma hospedaria que é muito procurada por seus patricios italianos. Na outra parte, do mesmo tamanho como o estabelecimento de Lenzi, reside Benno von Paraski, solteiro estabelecido com um pequeno botequim e que também fabrica aquêles pães grandes e gostosos que são muito procurados; nas horas livres, está sentado em sua varanda que dá para o rio Itajaí; agora, porém, segurando sua respeitável barriguinha, chega à janela à espera de freguêses e cumprimenta cordialmente o seu vizinho do outro lado da rua, o alfaiate Sutter que, sentado à janela, corresponde com um aceno de cabeça, continuando em sua tarefa de costura, pois o terno tem que ser entregue hoje. Do mesmo modo nos cumprimenta também, ao passarmos na rua. Na outra esquina da Rua do Fantasma, os velhos Mayer mantêm sempre bem arrumadinha a sua pequena horta em frente da casinha que acha-se um pouco retirada. É um casal que vive uma vida calma e feliz. Muito mais movimento há no outro lado da rua, onde Gustavo Ermilich possui uma espécie de bazar. Com seu fez oriental na cabeça, bigode comprido e muito falador, está postado ao pé da escadaria, atraído, com sua lábia, os transeuntes: "Entra, entra, freguês! aqui podes comprar tudo e bem barato. Cheguei há pouco do Rio, com novas mercadorias, comprei tudo baratíssimo, em liquidações, e estou torrando abaixo do custo. Aproveitem, pois amanhã vou com meu carro ao Rio do Têsto, entregar tudo de graça aos colonos. Venham ver para crer, o Ermilich está chegando. Aproveitem, procurem nas gavetas os níqueis e virem o pé de meia, pois tão barato assim nunca mais comprarão. Bom e barato. E o Sr., não quer comprar nada? Venha ver uma novidade que trouxe para sua espôsa." E já nos agarrou pelo braço, puxando-nos degraus acima. "O Sr. vai ficar boquiaberto. Já com um vintém preto poderá comprar um artigo bonito para seus filhos." Enquanto fala e gesticula, a borla azul de seu fez, oscila de uma orelha a outra. "Hoje não, noutra ocasião talvez" retrucamos, despedindo-nos com um apêto de mão. "Homem de Deus, barato, tudo barato, baratíssimo" clama ainda atrás de nós. De repente um som estridente nos faz olhar para trás. Lá está êle, com uma corneta de criança, a ofender os ouvidos dos passantes e a seguir continua sua ladainha — "entra freguês, entra, bom e barato..." O sapateiro Kumm, mais adiante, bate com força o couro de sola, para não ouvir o alarido. Mas o dentista Hugo Riedel, seu vizinho, já está enfurecido devido a esta gritaria, anda de um lado para o outro de seu jardim e grita para o outro lado da rua: "Pare com essa algazarra, Sr. Ermilich; o dia inteiro só se ouve o seu... barato, baratíssimo, barato... será que isto não tem mais fim? O Sr. deixa a gente maluco. Espere só o dia que o Sr. me vier com dôr de dentes e eu o tiver nas garras de minha torquês, aí poderá gritar à vontade e me será um prazer ouvi-lo", dito isto, corre para dentro de casa e bate a porta com força, mas logo depois aparece novamente na porta, volta para dentro de casa, corre dum lado para o outro. Coitado, parece que hoje o velho Riedel está bem nervoso. Sua governanta, a boa senhora Hermann, só sacode com a cabeça e observa da varanda a agitação do seu patrão. Sem se alterar, porém o Sr. Ferraz, que mora um pouco mais para cima, está parado no tópo da escada de sua casa, sôbre cuja porta se lê numa placa branca o seguinte: Agência Geral das Terras e Estradas Estaduais. — O senhor Agente não se incomoda com o toque de corneta nem com a gritaria do Sr. Ermilich e tão pouco com os protestos e dança indiana do dentista Riedel. Êle é a calma personificada. Com dois dedos alisa êle, impassível, a sua barba branca que usa à moda de Ruy Barbosa.

Em nossa caminhada, chegamos à casa de Reinhold Pauli — Erminio Moser e Emil Friedler carregam justamente uma carçoça com latas; certamente são latas para manteiga que F.G. Busch mandou fazer para exportar sua mercadoria. Reinhold Pauli fica controlando o carregamento, enquanto que sua espôsa, Sra. Pauli está debruçada na janela da residência do casal, na esquina da rua Bom Retiro (a rua do Vale do Inhamé). Douro lado da estrada, na barranca do Rio Itajaí, as crianças brincam de esconder na roça de cana. Êstes lotes tão cedo não acharão comprador, pois estão situados muito baixos e ficam inundados com qualquer pequena enchente. Quem é que irá arriscar-se a construir nestes terrenos? Na outra esquina, com a rua Bom Retiro, a situação é a

mesma, tudo muito baixo, só serve para pasto. Isto já se nota no poço do Schadrack que com qualquer chuva transborda, lá no seu pasto. Ainda bem que êle construiu o armazem para os couros e o sal sôbre pilares bem altos, assim, pelo menos, isto não fica inundado. O ferreiro Richter foi mais feliz na compra de seu terreno, pois conseguiu um barranco alto e para chegar à barbearia de Augusto Werner, ao lado da ferraria, já é preciso subir-se uns seis a sete degraus. Eles não precisam pegar logo a bateira, quando chove um pouco mais do que de costume, mas nós aqui temos nossa bateira sempre pronta para o uso.

(Prosegue no próximo número.)



## CURIOSIDADES DO PASSADO

Em 1934, logo após o volta do País à constitucionalidade, em Julho daquele ano, resolveu-se festejar também em Blumenau o DIA DO COLONO, — data comemorativa da imigração alemã no Brasil.

A Comissão Organizadora da referida festa, no entanto, ainda recheiosa das arbitrariedades que em muitos lugares do País se praticava na época da ditadura, solicitou ao então Delegado de Polícia de Blumenau, permissão para a concentração e o desfile da massa popular. O Delegado, porém, disse que esta licença só poderia ser dada pelo Chefe de Polícia, na Capital do Estado. Enviou então a Comissão, cujo Presidente era o saudoso Cel. Pedro Christiano Feddersen, ao Secretário da Segurança Pública um telegrama solicitando a necessária permissão. Eis a resposta que a mesma Comissão recebeu daquela alta autoridade catarinense: — “Pedro Feddersen e Outros vg Membros Com. Central Dia Colono — Blumenau.

Fpolis. N.º 513 — Palavras 51 — Data: 20/7 — Hora: 16.

N.º 513. Esta Secretaria com prazer dará licença para festas Dia Colono e nenhuma objeção fará vg no entanto há festas públicas que hoje lei não permite como seja touradas ou simulacros de touradas etc. p. Sauds. — (Segue a assinatura) Secretário Segurança Pública.



## COMUNICAM - NOS

Do Centro de Estudos Oceanográficos de Santa Catarina a eleição da sua diretoria para o triênio 1961/1964: Presidente, capitão-de-mar e guerra Ernesto de Mourão Sá; secretário: Dr. José Uirajara de Souza Timm; tesoureiro: Dr. Abel Capela; Diretor de pesquisas oceanográficas: Dr. Colombo Salles; diretor de pesquisas biológicas: Ernesto Tremel; diretor do serviço de documentação: Sulamita Bonassis Tremel. Agradecendo a comunicação, fazemos votos pelo progresso do Centro de Estudos Oceanográficos de Santa Catarina ao qual auguramos vida longa e proveitosa à ciência e à coletividade.



**A** 2 de novembro de 1902 foi fundada a comunidade evangélica de Hammonia que elegeu seu pastor o dr. Aldinger. Êste foi um intelectual que prestou grandes serviços às letras teuto-brasileiras, tendo publicado vários trabalhos tendentes a instruir e orientar os colonos alemães no Brasil. No setor da instrução primária também os seus méritos são bem apreciáveis.

## 30.º – HERCÍLIO DEEKE – (1951-1954)

Eleito por expressiva maioria, em 1950 (3 de outubro), ano do centenário, Hercílio Deeke assumiu o exercício do cargo a 1.º de janeiro do ano seguinte. Não chegou a completar o quinquênio constitucional, de vez que, tendo sido eleito deputado federal, renunciou, a 26 de janeiro de 1955, o cargo de prefeito para tomar posse de sua cadeira na alta câmara do país.

Durante os quatro anos em que esteve à frente do executivo municipal, desenvolveu grande atividade no sentido de melhorar o aspecto urbano, dotando a cidade de importantes melhoramentos, como a rectificação e calçamento da rua 7 de setembro, a construção da estação rodoviária, da ponte “Adolfo Konder” sobre o Itajaí-açu, no bairro da Ponta-Aguda, estendendo até lá, a rede de água potável. Procedeu à mudança do Asilo de Velhos para instalações mais



amplas e confortáveis. Continuou as obras do Hospital Santo Antônio (municipal); construiu várias pontes pelo interior do município; completou a planta topográfica da cidade; Construiu várias escolas, entre elas a “Professor Ostermann”, em comemoração ao centenário da instalação da primeira escola pública no município, fato que foi lembrado com várias outras festividades, inclusive a aplicação de um carimbo comemorativo pela agência local dos Correios e Telégrafos. Inúmeras outras obras de menor vulto assinalaram a sua passagem pela Prefeitura como a de um administrador eficiente e probo, dos mais ativos que Blumenau tem tido. Hercílio Deeke nasceu na antiga colônia Hansa-Hammônia, atual Ibirama, quando ainda distrito blumenauense, onde frequentou a escola primária, tendo feito o curso secundário no Colégio Santo Antônio, em Blumenau, sempre com notas distintas.

Filho de José Deeke e de dona Ema Rischbieter Deeke, herdou destes o pendor para o estudo do passado blumenauense, o culto às

nossas tradições, o interesse pela obra que os nossos antepassados realizaram no Vale do Itajaí, criando aqui uma civilização nova, de incontestável proveito à coletividade brasileira.

José Deeke, como se sabe, foi o primeiro historiador de Blumenau, e o trabalho que publicou, em 1917, é, até hoje, fonte de consultas a quantos se interessam pelas origens do município e do seu desenvolvimento pela atuação de homens que fizeram a nossa grandeza material e moral a custo de sacrifícios e de heróica abnegação.

Daí, certamente, traz Hercílio Deeke a grande dedicação que nutre pela sua terra.

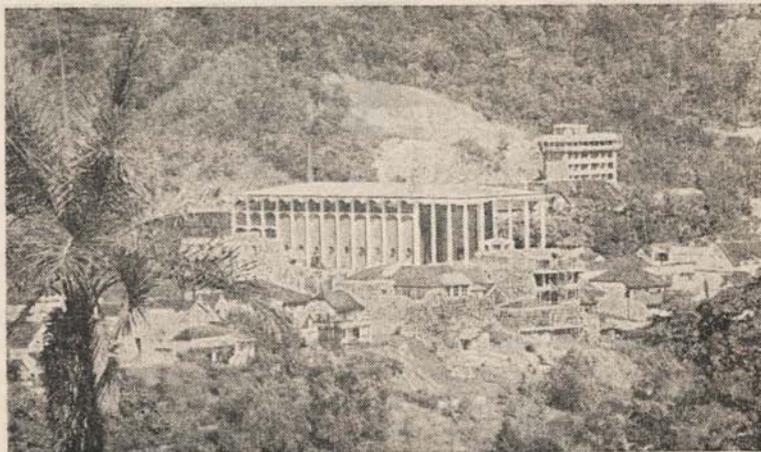
Ainda no exercício do cargo de prefeito, foi eleito deputado federal, cargo de que, posteriormente, se licenciou para ocupar a secretaria da Fazenda no govêrno de Irineu Bornhausen, e no de seus substitutos Jorge Lacerda e Heriberto Hülse. E nos postos que, até aqui tem ocupado, não deixou nunca de ter em mira, antes de tudo, os superiores interesses da comuna em que nasceu e que, por tantas vêzes, lhe demonstrou o seu reconhecimento e a sua estima, elevando-o a honrosos postos administrativos e de representação.



**O**s primeiros imigrantes alemães (destinados a São Pedro de Alcântara) chegaram ao Destêrro a 7 de novembro de 1828, pelo veleiro "Luize". No dia 12 do mesmo mês, chegou a segunda leva a bordo do veleiro "Marquez de Viana".



## **BLUMENAU PITORESCO**



Vista da nova matriz de Blumenau, com os seus pitorescos arredores. Pelas suas linhas modernas, sóbrias, de muito bom gôsto, o templo católico da capital do Vale do Itajaí tem se tornado motivo de grande atração turística. A grande torre que está sendo ultimada, será um monumento digno da grandeza econômica do município e da profunda crença religiosa do seu povo.

AGOSTO DE 1961

1.º — O embaixador da Austria no Brasil, Sr. Albin Lenkh, com ilustre comitiva, integrada pelo adido comercial e do cônsul da Austria em Pôrto Alegre, além do chefe do cerimonial do Estado e do Ajudante-de-Ordens do governador Celso Ramos, chega em visita oficial a Blumenau, sendo recepcionado na Prefeitura Municipal que, em seguida, oferece um almôço no Teatro Carlos Gomes, onde o prefeito saúda o ilustre diplomata do país amigo, de gloriosa história, berço dos antepassados de muitas famílias blumenauenses e do Vale do Itajaí. S. Excia. agradeceu a acolhida carinhosa de que foi alvo, manifestando sua satisfação em conhecer esta "colméia de trabalho, onde tantos, estrangeiros dignificaram a sua pátria, enaltecendo o Brasil."

3 — A Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí (AIRVI) elege a sua nova diretoria, saindo vencedor o sr. Maurício Xavier com 32 votos. O sr. Cássio Medeiros, da chapa oposicionista, recebe 30 votos. A vice-presidência coube ao sr. Flávio Rosa e primeiro secretário e tesoureiro o sr. José Gonçalves e Nadir Célia Venhorst.

4 — Transcorrendo o cinquentenário da fundação do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná, reúnem-se na nossa cidade os pastores e delegados das comunidades integrantes do mesmo, cujo presidente é o pastor Hermann Stoer do Rio do Sul, para discussão e conferências sobre assuntos afetos a essa congregação, visando, entre outros, a assegurar o apoio à "Faculdade Evangélica de Teologia", mantida pelos sínodos evangélicos do Brasil, no Rio Grande do Sul, onde se formam, em número sempre crescente, pastores de nacionalidade brasileira. Participa da concen-

tração também o "praeses" do sínodo do Rio Grande do Sul, Pastor Schlipers, que pronunciou magnífica prática em português, no culto solene de domingo (6), fazendo curta oração em alemão o pastor Stoer, no impedimento, por doença, do representante da congregação na Alemanha. Foi publicado um livro, em português, e alemão, ("Unsere Väter") representando valioso relatório histórico da vida das comunidades.

5 — Na igreja católica têm início as missões. Grande frequência de fiéis às práticas e aos sacramentos, regularização de matrimônios, batismos e alguns casos de conversão.

10 — É publicada a portaria n.º 50, da Prefeitura que introduz novas regras para estacionamento de veículos na rua 15 e horários para carga e descarga nessa movimentada e principal rua da cidade.

14 — Por iniciativa da AIRVI realiza-se aqui uma reunião para debate do problema de energia elétrica no Vale do Itajaí, entre jornalistas, radialistas e os titulares das instâncias governamentais. Os representantes do governo apontaram as medidas aconselháveis para a solução da crise atual que, segundo os respectivos cálculos poderá ser superada em 50% em janeiro de 1962, sendo que a solução definitiva é prevista para oito meses depois. O presidente da E. Fôrça e Luz, dr. Udo Deeke, esclareceu que, em setembro de 1962, estará funcionando a usina de Palmeiras, com capacidade de 17.000 quilovats que, com os prováveis fornecimentos pela Companhia Siderúrgica Nacional de Tubarão, até fins de 1962, representarão um potencial de cerca de 40.000 quilowats sobre o atual do Vale do Itajaí eliminando assim, de vez, a calamidade periódica do déficit de energia verificada nesta região.

23 — Eleito presidente da Associação Rural de Blumenau o sr. Augusto Reichow.

25 — Blumenau, como todo o resto do país, recebe com espanto a notícia da renúncia do presidente Jânio Quadros, sendo os mais desencontrados os comentários que se fazem a respeito.

26 — Ainda se realizam as reuniões sociais de fim de semana e o "Fogo simbólico" é acolhido com os atos festivos do protocolo. As festividades para a semana seguinte são canceladas como também os preparativos para a comemoração do 111.º aniversário de fundação de Blumenau, a 2 de setembro, que contariam com a presença oficial do governador do Estado sr. Celso Ramos.

No decorrer do mês, desaparecem vários blumenauenses de destaque social:

A 6, o "Cortume Oswaldo Otte S/A." comunica o falecimento de seu diretor gerente, sr. Augusto Otte, ocorrido em Duesseldorf, Ale-

manha, onde se submetera a tratamento de saúde.

A 24 falece o engenheiro Heinz Heinrich, alto funcionário da firma Walter Schmidt S/A., alemão de nascimento, há muitos anos radicado nesta cidade.

A 28 falece o venerando sr. João Farinhas, natural da Galicia, Espanha, aqui casado e estabelecido há longo tempo, com 49 anos de serviços na fábrica de tecidos Heiring.

Ocorrem dois casos de suicídio de chefes de família por enforcamento. Foi evitada outra tentativa de suicídio na ponte Adolfo Konder, por interferência de transeuntes.

A 21, ocorreu no Rio de Janeiro o falecimento do marechal Otávio da Silva Paranhos, comandante, outrora, da unidade do exército, aqui aquartelada e que conquistara a amizade da população local, tendo a câmara municipal lhe conferido o título de "Cidadão Blumenauense" e o povo lhe oferecido a espada, por ocasião de sua promoção ao posto de general.



**A** 4 de novembro de 1835 toma posse do governo da província de Santa Catarina, José Mariano de Albuquerque, cujo governo se prolongou até abril de 1836.



**A** Federação de Cantores do Vale do Itajaí, entidade que congregou as sociedades de canto do Vale do Itajaí, foi fundada a 20 de novembro de 1915, em Itoupava-sêca.

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação e orientação de J. Ferreira da Silva

### ASSINATURAS:

Por 12 números .....	Cr\$ 200,00
Número avulso .....	25,00
Número atrasado .....	35,00

Redação e administração:

Rua Augusto Severo, 822

Caixa Postal, 2675

CURITIBA — Paraná

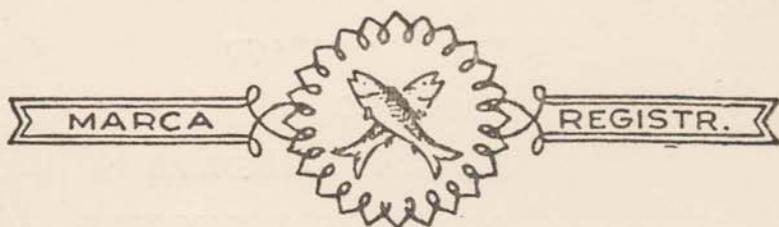
Em Blumenau :

Representante: Frederico Kilian

Caixa Postal, 425

# INDÚSTRIA TÊXTIL COMPANHIA HERING

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — BRASIL  
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL N.º 2  
TELEGR.: "TRICOT"



## Fábrica de Artefatos de Malhas

FUNDADA EM 1880

CONTRIBUINDO PARA A

GRANDEZA DO BRASIL

EM SEU COMÉRCIO

E INDÚSTRIA

# Eletro - Aço Altona S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone: 1338  
Caixa Postal, 30      Telegramas: ELAÇO  
ITOUPAVA-SÊCA — BLUMENAU  
SANTA CATARINA

---



FUNDIÇÃO DE AÇO

LAMINAÇÃO

FÁBRICA DE MÁQUINAS

FÁBRICA DE FERRAMENTAS

FORJARIA

FUNDIÇÃO ELÉTRICA